

REFLEXÕES SOBRE O RACISMO: Uma análise sartriana acerca do ensaio *Orfeu Negro*

Milena Oliveira Pires¹

Resumo: Esse artigo visa expor a partir do ensaio filosófico nomeado como *Orfeu Negro* (1948) do filósofo Jean-Paul Sartre (1905-1980), reflexões acerca do racismo, sobretudo através do conceito de *négritude* – ampliando a discussão ao que cerne a identidade de si através do outro. Historicamente, a cultura branca se sobrepôs à cultura negra, tendo como resultado a estrutura social excludente. Ainda se tratando desse processo, a violência contra o negro é multiplicada, pois é preciso que ele reafirme sua cultura em meio às outras existentes. Desse modo, é salutar mencionar as três dimensões que a *négritude* integra, são elas: i) política – relacionada a luta pela independência dos povos colonizados tido como inferiores; (ii) ideológica – ligada ao meio para se alcançar a conscientização racial; (iii) cultural – dada como fator importante no que diz respeito a valorização da cultura advinda e propagada dos negros. A menção, não cabendo numa imersão, limita-se a última dimensão, pois o ensaio refere-se a literatura – em especial –, a poesia negra como ato revolucionário, resultando em um processo radical, pois através dela se pode dizer o indizível. Dito isso, o negro toma consciência de si e se reconhece como ser autêntico por meio da subjetividade mediante a objetividade expressa pelo olhar do outro; a linguagem, então, possui valor intrínseco, já que a partir dela há manifestação – inclusive –, da múltipla faceta identitária. Por fim, visamos elucidar sua importância enquanto expressão simbólica.

Palavras-chave: Racismo; Negritude; Poesia Negra; Revolução.

Abstract: This paper aims to expose, through the philosophical essay named as Black Orpheus (1948) by the philosopher Jean-Paul Sartre, reflections on racism, above all through the concept of *blackness* – expanding the discussion to the core of one's identity through the other. Historically, white culture overlapped black culture, resulting in an exclusive social structure. Still dealing with this process, violence against blacks is multiplied, as it is necessary for it to reaffirm its culture among the already existing ones. In this way, it is needed to mention the three dimensions that *blackness* integrates, they are: i) politics – related to the struggle for the independence of colonized peoples considered inferior; (ii) ideological – linked to the means to achieve racial awareness; (iii) cultural – given as an important factor with regard to the appreciation of the culture that comes from and propagated by blacks. The mention, not fitting in an immersion, is limited to the last dimension, because the essay refers to literature – in particular – black poetry as a revolutionary act, resulting in a radical process, because through it one can say the unspeakable. That said, black person becomes aware of himself and recognizes himself as being authentic through subjectivity through objectivity expressed through the eyes of the other; language, then, has intrinsic value, since from it there is a manifestation – including – of the multiple identity facet. Finally, we aim to elucidate the importance as a symbolic expression.

Keywords: Racism; Blackness; Black Poetry; Revolution.

¹ Discente do curso de Filosofia pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) nos anos de 2018 à 2020. Atualmente pesquisadora-bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC).
E-mail convencional: milenaoliveirapires@hotmail.com/ E-mail institucional: milenapires@aluno.uema.br

Introdução

O ensaio intitulado *Orfeu Negro*² escrito por Jean-Paul Sartre, expõe reflexões acerca do racismo, a partir da dimensão da *négritude*³ expressa pela linguagem⁴, mais especificamente, a poesia negra a qual julga ser revolucionária, pois “é necessariamente através de uma experiência poética que o negro, na situação presente, deve primeiro tomar consciência de si mesmo” (SARTRE, 1948, p. 92). A linguagem como manifestação dos signos, permite comunicar e expressar, corroborando para um engajamento acerca do que se propõe. Nesse sentido, a experiência vivida do negro atrela-se à dialética do *Eu* e o *Outro*, pois o *Eu* se reconhece como ser autêntico através da subjetividade mediante a objetividade expressa pelo olhar do *Outro*.

Mediante a imigração de africanos e antilhanos para a França pós Primeira Guerra Mundial – Sartre é imerso na luta contra o regime colonial francês nos anos de 1948 até 1960, tendo contato direto com alguns autores, como: Léopold Sédar Senghor (1906-2001), Léon Gontran Damas (1912-1978), Aimé Césaire (1913-2008) – os quais fizeram parte do movimento da *négritude*. Em 1948, escreve o prefácio da obra *Anthologie de la nouvelle poésie nègre et malgaxe de langue française* de Senghor, nomeado como *Orfeu Negro*:

O que esperáveis que acontecesse, quando tirastes a mordaça que tapava estas bôcas negras? Que vos entoariam louvores? Estas cabeças que nossos pais haviam dobrado pela fôrça até o chão, pensáveis, quando se reerguessem, que leríeis a adoração em seus olhos? Ei-los em pé, homens que nos olham e faço votos para que sinais como eu a comoção de ser visto. *Pois o branco, desfrutou durante três mil anos o privilégio de ver sem que o vissem*; era puro olhar, a luz de seus olhos subtraía tôdas as coisas da sombra natal, a brancura de sua pele também era um olhar, de luz condensada. O homem branco, branco porque era homem, branco como o dia, branco como a verdade, branco como a virtude, iluminava a criação qual uma tocha, desvelava a essência secreta e branca dos sêres. Hoje, êsses homens prêtos nos miram e nosso olhar reentra em nossos olhos; tochas negras, ao seu redor, iluminam o mundo, e nossas cabeças brancas não passam de pequenas luminárias balouçadas pelo vento (SARTRE, 1948, p. 89, grifos nosso).

O objetivo desse ensaio foi relatar as mazelas do racismo sob uma perspectiva poética; logo, a questão racial é um elemento importante para se compreender esse processo, a construção da identidade negra ocorre no momento em que se atribui a raça como fator principal para a distinção de dois mundos antagônicos: branco e o negro – o segundo, por sua

² Prefácio à *Anthologie de la nouvelle poésie nègre et malgache*, de Léopold Sedar Senghor (1948).

³ Pensada conjuntamente pelos filósofos Aimé Césaire e Léopold Sédar Senghor na década de 30, a palavra *négritude* foi utilizada pela primeira vez em *Cahier d'un retour au pays natal* (1939), é derivada do termo *nègre* em francês; inicialmente, utilizava-se dessa expressão para insultar o negro, se opondo ao termo *noir* onde referia-se aos negros, mas no bom sentido. O surgimento do movimento da *négritude* surgiu com o intuito de emancipação da cultura negra, contrapondo-se ao caráter pejorativo.

⁴ Aqui, entende-se a linguagem como toda e qualquer forma de expressão, não apenas verbalmente.

vez, está acorrentado na estrutura social excludente que o menospreza e invalida sua condição de existência enquanto tal.

A tomada de consciência, então, seria a ferramenta para se pensar a estrutura capitalista dominante que insere tanto o indivíduo branco, como o indivíduo negro nesse ciclo vicioso – mas, vale ressaltar que “um judeu, branco entre os brancos, pode negar que seja judeu, declarar-se homem entre homens. O negro não pode negar que seja negro ou reclamar para si esta abstrata humanidade incolor: êle é preto” (SARTRE, 1948, p. 94). Dito isso, o negro não tem escapatória, ele sequer tem a opção de escolher, pois ele está enclausurado na sua mais complexa autenticidade. Diante da situação “a despeito dêle próprio, o operário branco lucra um pouco com a colonização; por mais baixo que seja seu nível de vida, sem a colonização seria ainda mais” (SARTRE, 1948, p. 94). Em sua análise, por mais que o branco e o negro estejam sob a égide da exploração capitalista – o negro sofre duplamente: por ser pobre e por ser negro.

A *Négritude* enquanto movimento

O movimento de *négritude*, inserido no contexto global, incitou o processo de reivindicação em prol das lutas negras. A começar pelo termo “negro”, o qual o movimento abraça de forma a ampliar e inverter a lógica na qual é posta que o negro é sinônimo de tudo que não é tido como bom e relevante, objetivando a sua emancipação e o seu reconhecimento enquanto humano. Surgem, então, várias tendências⁵, como: cultural (W. E. B. Du Bois), essencialista (Léopold Sédar Senghor), científica (Cheik Anta Diop), humanista (Aimé Cesaire), dentre outras.

Sendo considerado um conceito multifacetado, a *négritude* pode ser compreendida por algumas perspectivas – a depender do contexto histórico, como: (i) política – relacionada a luta pela independência dos povos colonizados, dito como inferiores; (ii) ideológica – ligada ao *meio* para se alcançar a conscientização racial; (iii) cultural – apontada como fator importante no que diz respeito a valorização da cultura decorrente dos negros.

Aimé Cesaire como um dos expoentes desse movimento, declara que a *négritude* vincula suas raízes muito mais na poesia do que qualquer outra arte tradicional enquadrada universalmente, pois ela é o meio pelo qual se pode expressar por fins estéticos uma

⁵ A título de destaque, não nos cabe aqui aprofundar sobre.

criticidade referente ao problema exposto. Tida como um ato, muito mais do que uma disposição. Embora receba condenações de cair no essencialismo de definir o que é do negro, porque assim cria-se o que é do branco – o autor destaca a importância da negritude enquanto precursora do movimento em que se buscou exaltar o orgulho racial, nos mais variados panoramas, sobretudo, no caráter cultural. Definindo, assim – de forma poética:

Minha negritude não é uma pedra, sua surdez lançada contra o clamor do dia
Minha negritude não é uma mancha de água morta sobre o olho morto da terra
Minha negritude não é uma torre nem uma catedral
Ela mergulha na carne rubra do solo
Ela mergulha na carne ardente do céu
Ela perfura o abatimento opaco com sua reta paciência
(CÉSAIRE, 2012, p. 65).

Destacando bem antes que

A Negritude, aos meus olhos, não é uma filosofia. A Negritude não é uma metafísica. A Negritude não é uma pretenciosa concepção do universo. É uma maneira de viver a história dentro da história; a história de uma comunidade cuja experiência parece, em verdade, singular, com suas deportações de populações, seus deslocamentos de homens de um continente a outro, suas lembranças distantes, seus restos de culturas assassinadas. Como não crer que tudo aquilo que tem sua coerência constitui um patrimônio? É preciso mais para construir uma identidade? Os cromossomos me importam pouco. Mas eu creio nos arquétipos. Eu creio no valor de tudo aquilo que está enterrado na memória coletiva de nossos povos e mesmo no inconsciente coletivo. Eu não creio que se chegue ao mundo com o cérebro vazio, como se chega com as mãos vazias. Eu creio na virtude formadora das experiências seculares acumuladas e do vivido veiculado pelas culturas. (...) Vale dizer que a Negritude, em seu estágio inicial, pode ser definida primeiramente como tomada de consciência da diferença, como memória, como fidelidade e como solidariedade (CÉSAIRE, 2010, p. 108-109).

Aqui, a *négritude*, enquanto detentora fundamental no rompimento dos moldes eurocêntricos – consequentemente, com o modo de se considerar apenas uma esfera cultural como centralização em meio às outras, utiliza da literatura para exaltar a identidade negra e denunciar a violência⁶ em que o negro estava inserido. Em primeira instância, a intenção do movimento da *négritude* foi de contrapor o caráter pejorativo para elevar-se através da cultura, por assim dizer – “trata-se de morrer para a cultura branca a fim de renascer para a alma negra” (SARTRE, 1948, p. 104).

Passado os anos, o caráter político vigorou a denuncia da opressão colonial e imperial. Enquanto movimento reúne o cânone filosófico e o literário – pautado no pensar crítico

⁶ Entendida aqui como processo responsável pelo qual além de muitas consequências, gerou divergências entre classes, atribuindo assim uma classe predominante à outra. Para esses indivíduos reprimidos, tal violência era aplicada de forma tão profunda que sequer se percebiam enquanto sujeitos explorados, muito menos como sujeitos.

mediante a ordem social, servindo posteriormente para uma teoria revertida na prática ao que cerne a construção da pró-africanidade em conjunto com a produção pan-africana.

O paradigma do racismo

Ao se falar de racismo, é impreterivelmente necessário abordar o conceito de raça, e como isso se difundiu pelas mais diversas esferas – dentre suas características atribuídas, pode-se dizer que a raça antes de qualquer conceituação, representa a divisão justificada a partir de características, estereótipos e fenótipos para se atribuir a distinção entre povos ditos inferiores, bem como superiores (o que por si, designa *preconceitos*⁷). Essa linha de demarcação racial configura-se na *discriminação racial*⁸, por sua vez, numa sociedade racializada. Mas, ainda sobre o conceito de raça, o qual por sua vez, ao longo dos mais variados estudos recebeu diversas concepções – de forma resumida, à principio estabeleceu-se como um fator condicionante de classificações, biologicamente entre plantas e animais, posteriormente entre os indivíduos. A despeito disso, Silvio Almeida destaca que

Raça não é um termo fixo, estático. Seu sentido está inevitavelmente atrelado às circunstâncias históricas em que é utilizado. Por trás da *raça* sempre há contingência, conflito, poder e decisão, de tal sorte que se trata de um conceito *relacional e histórico*. Assim, a história da raça ou das raças é a história da constituição política e econômica das sociedades contemporâneas (2018, p.19).

Enfatizando ainda que

Desse modo, pode-se concluir que, por sua conformação histórica, a raça opera a partir de dois registros básicos que se cruzam e se complementam:

1. *como característica biológica*, em que a identidade racial será atribuída por algum traço físico, como a cor da pele;
2. *como característica étnico-cultural*, em que a identidade será associada à origem geográfica, à religião, à língua ou outros costumes, ‘a uma certa forma de existir’. À configuração de processos discriminatórios a partir do registro étnico-cultural Frantz Fanon denomina *racismo cultural* (ALMEIDA, 2018, p. 24).

Dito isso, é bastante evidente que o racismo é sistemático – ou seja, não se limita somente ao campo ideológico e/ou doutrinário, mas também (e principalmente) se expande

⁷ O preconceito racial é o juízo baseado em estereótipos acerca de indivíduos que pertençam a um determinado grupo racializado, e que pode ou não resultar em práticas discriminatórias. Considerar negros violentos e inconfiáveis, judeus avaros ou orientais ‘naturalmente’ preparados para as ciências exatas são exemplos de preconceitos (ALMEIDA, 2018, p. 25).

⁸ A discriminação racial, por sua vez, é a atribuição de tratamento diferenciado a membros de grupos racialmente identificados. Portanto, a discriminação tem como requisito fundamental o *poder*, ou seja, a possibilidade efetiva do uso da força, sem o qual não é possível atribuir vantagens ou desvantagens por conta da raça (ALMEIDA, 2018, p. 25).

aos processos de desigualdade, resultando na procedência de inferioridade a determinado grupo social, paralelamente a sua reprodução por meio de comportamentos e/ou ações discriminatórias, seguido por uma base estrutural – sendo desdobrado no processo político e histórico, contemplando assim as questões políticas, econômicas e sociais.

É importante destacar ainda que o imperialismo marcou profundamente o início da dominação colonial, gerando grande movimentação no sistema capitalista, isso porque houve uma expansão do nacional para o internacional – devido a isso, o modelo eurocêntrico acreditou na ideia de progresso por meio dessa ideologia racista. Achille Mbembe (1957-) remete sua crítica diretamente a esse modelo, pois

Esta brutal investida fora da Europa ficará conhecida pelo termo ‘colonização’ ou ‘imperialismo’. Sendo uma das maneiras de a pretensão européia ao domínio universal se manifestar, a colonização é uma forma de poder constituinte, na qual a relação com a terra, as populações e o território associa, de modo inédito na história da Humanidade, as três lógicas da raça, da burocracia e do negócio (commercium). Na ordem colonial, a raça opera enquanto princípio do corpo político. A raça permite classificar os seres humanos em categorias físicas e mentais específicas. A burocracia emerge como um dispositivo de dominação; já a rede que liga a morte e o negócio opera como matriz fulcral do poder. A força passa a ser lei, e a lei tem por conteúdo a própria força (2014, p. 105).

O Eu pelo o Outro

Em *Orfeu Negro*, a construção do *Eu* revela nos poemas a denúncia ao preconceito de cor que na época se estabelecia, principalmente, pelas colônias francesas – ao negar-se a identidade negra, o negro encontrava-se na situação de *alienação colonial*, tendo sua identidade apagada ou evidenciada somente no papel de servidão, as culturas tradicionais enriquecem o poder colonial em reafirmá-las constantemente, aniquilando assim a cultura de origem negra. Diante desse contexto, a língua francesa desenvolve um papel fundamental, já que através dela os próprios franceses poderiam ter contato com a contestação advinda dos poetas que tinham como intuito, por meio dos escritos – expor a experiência em que o negro estava submetido. Dialética essa que se assemelha a reflexão de W.E.B Du Bois na situação dos americanos

O negro é uma espécie de sétimo filho, nascido com um véu e aquinhoadado com uma visão de segundo grau neste mundo americano -, um mundo que não lhe concede uma verdadeira consciência de si, mas que apenas lhe permite ver-se por meio da revelação do outro mundo. *É uma sensação estranha, essa consciência dupla, essa sensação de estar sempre a se olhar com os olhos de outros*, de medir sua própria alma pela medida de um mundo que continua a mirá-lo com o divertido desprezo e piedade” (1999, p. 54, grifos nosso).

Através do olhar do *Outro* que é possível identificar o reflexo do *Eu*, essa relação se estabelece no mundo por meio da apreensão de se perceber enquanto sujeito, e isso se dá pela ideia de poder ser visto ou percebido, o que já atribui a presença de outro sujeito – e, assim, nos concerne uma identidade, pois “o outro é, por princípio, aquele que me olha”⁹ (SARTRE, 1997, p. 315). Na análise sartriana, esse *Outro* chega a ser *quase* não visto na extensão do *Eu*, pois sua condição de existência é negada, mas – um ponto interessante: esse outro ainda serve para servir, ainda que negligenciado, é utilizado (no sentido de objeto) como escopo para o empreendimento colonial. O caráter telúrico se faz presente, na medida em que se resgata sua espontaneidade ao enfatizar que

[...] o negro continua sendo o grande macho da terra, o esperma do mundo. Sua existência é a grande paciência vegetal; seu labor é a repetição de ano em ano do coito sagrado. Criador, é nutrido porque cria. Lavar, plantar, comer, é fazer o amor com a natureza. O panteísmo sexual destes poetas é sem dúvida o que mais impressiona, de início: por aí é que chegam às danças e aos ritos fálicos dos negros-africanos (Sartre, 1968, p. 113).

Daí então, a importância de se respaldar na cultura negra para afirmá-la, esse movimento se revela a partir do momento em que esse *Eu* se vê pelo *Outro*. Se se diz que o *outro* é aquele que *Eu* vejo, bem se encaixa também esse *Outro* ser visto por mim. Portanto, “*l'important n'est pas ce que l'on a fait de nous mais ce que nous faisons nous mêmes de ce qu'on a fait de nous*”¹⁰ (SARTRE, 1952, p. 55).

Considerações finais

Através da crítica literária sobre a *négritude*, a discussão referente a poesia negra ganha espaço – principalmente, por ser reconhecida como grande revolucionária. Evidencia-se que o colonialismo não é uma relação de dominação entre raças, mas sim uma relação social de dominação na qual o resultado é a raça. Diante disso, tem-se a criação do sujeito negro (racializado), o que já pressupõe um antagonismo, por sua vez, é simbolizado pelo branco – o qual recebe atribuições positivas, considerado o ente universal e, sendo assim, contrariamente a isso se tem o ente não-universal, aquele que é subalternizado em todas as

⁹ Aqui, apresenta-se a dualidade ontológica: *ser-em-si* e *ser-para-si*. O *ser-em-si* se caracteriza pela sua identidade fixa, limitada a si e pautada na imanência da sua criação ao mesmo tempo no seu fim. O *ser-para-si* se caracteriza não é limitada a uma só identidade, pelo contrário – é tido como o não-ser que é posto para o exterior de si, se voltando para o *vir-a-ser*.

¹⁰ *O importante não é aquilo que fazem de nós, mas o que nós mesmos fazemos do que os outros fizeram de nós.*

esferas, nessa categoria o negro é encaixado. Isso implica na destituição da humanidade do *Outro*, pois o pressuposto eurocêntrico opera com base na negação e na hostilidade.

A linguagem é abordada no sentido de manifestar qualquer expressão da subjetividade e objetividade humana, isso implica dizer que a forma de interação também se submete a esse fator. A literatura utilizada aqui, por princípio traz a criticidade de se analisar a situação de arbitrariedade do ambiente ali retratado, pois esse discurso retratado que legitima a dominação da instrumentalização do *Eu*, visto pelo *Outro*. Por isso, é mais que necessário discutir também sobre a questão da raça, já que é por meio dela que se faz a distinção de grupos privilegiados em prol de grupos desprivilegiados – gerando assim condições estruturais e institucionais para a reprodução do racismo.

É necessário, portanto, que haja uma reestruturação do mundo, reconhecendo o mesmo valor das identidades, findando a ideia de uma supremacia branca juntamente com o complexo de inferioridade do negro, assim o negro não teria a vontade (posteriormente, uma necessidade) de querer ser branco. A violência exercida sob a égide da exploração e opressão colonial ocasiona na pele do oprimido a luta pela libertação, pois é nesse processo que o negro se reconhece enquanto ser autêntico e, conseqüentemente, como humanizado. Cabe aqui, reverter os papéis atribuídos a esse povo tido como inferior, por exemplo: a simbolização negativa (escuridão, trevas, preto, etc.).

Ao exaltar a poesia negra, Sartre rebela-se ao ponto de limitá-la – recorrendo a mito de Orfeu (inserido na mitologia grega) em que a partir de seu canto consegue moldar o mundo, mas que em sua maior missão fracassa: a de salvar sua amada Eurídice do mundo da morte, e assim a utiliza considerando-a como a própria Negritude, e por isso, “a Negritude é para se destruir, é passagem e não término, meio e não fim último. No momento em que os Orfeus Negros abraçam mais estreitamente esta Eurídice, sentem que ela se desvanece entre seus braços” (SARTRE, 1968, p. 122).

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Silvio Luiz de. *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

CÉSAIRE, Aimé. *Cahier d'un retour au pays natal*: Diário de um retorno ao país natal. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

CÉSAIRE, Aimé. *O discurso sobre a negritude*. Paris: Présence Africaine, 2010.

DU BOIS, W.E.B. *As Almas da Gente Negra*. Rio de Janeiro: Lacerda, 1999.

MBEMBE, Achille. *Crítica da Razão Negra*. Lisboa: Antígona, 2014.

SARTRE, Jean-Paul. *Orfeu Negro*. In: Prefácio à *Anthologie de la nouvelle poésie nègre et malgaxe de langue française* (Léopold Sédar Senghor, org.). Paris: Quadrige/Presses Universitaires de France, 1948.

SARTRE, Jean-Paul. *O Ser e o Nada*. Petrópolis: Vozes, 1997.

SARTRE, Jean-Paul. *Reflexões sobre o racismo*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1968.

SARTRE, Jean-Paul. *Saint Genet: Ator e Mártir*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1952.